

## HISTÓRIA(S) DO FUTEBOL EM SALVADOR

Henrique Sena dos Santos\*

### Entre as elites

Se fizermos um levantamento sobre como o futebol chegou às principais cidades brasileiras, teremos um roteiro muito parecido. Jovens que estudando ou trabalhando em países europeus apreendiam o jogo de bola e quando retornavam para o Brasil difundiam o divertimento. Destes, as histórias mais conhecidas são a de Charles Miller em São Paulo e Oscar Cox no Rio de Janeiro. (PEREIRA, 2000; FRANZINI; 2010) Porém, outros centros urbanos também tiveram os seus introdutores do futebol. Belo Horizonte, Fortaleza e São Luís, contavam respectivamente com Victor Serpa, José Silveira e Nhozinho Santos, adolescentes que viajavam ao velho continente retornando com bolas e manuais. (RIBEIRO, 2010; PINTO 2007; CARVALHO, 2009) Em Salvador também existiu um mito de origem do jogo, e o jovem responsável por trazê-lo foi José Ferreira Júnior, o Zuza Ferreira. Os memorialistas e os jornais costumam dizer que a chegada do futebol na capital se deu através desse jovem, que ao retornar dos estudos na Inglaterra trouxe consigo bolas e manuais e assim introduziu a atividade na cidade.

Devido à grande dificuldade de encontrar fontes sobre este momento do futebol soteropolitano não é possível contestar com muita segurança a versão de Zuza. No entanto, para além de pensar em uma história das origens, lembro que antes da chegada daquele jovem já existia algum envolvimento da cidade com o futebol e com outros esportes. A bola corria entre os universitários que estudavam na Faculdade de Medicina da Bahia onde provavelmente era utilizado enquanto exercício físico. Além disso, em Salvador, de forma tímida algumas atividades esportivas existiam desde o segundo quartel do século XIX, a exemplo do turfe e do críquete praticado por ingleses residentes na capital baiana.

Para além da experiência de Zuza Ferreira, a prática do futebol alcançou sucesso na elite soteropolitana, observando-se, entre os anos de 1901 a 1905, a formação das primeiras equipes, assim como a realização das primeiras partidas amistosas. Nos primeiros cinco anos o futebol era visto como uma novidade, não atraindo, portanto, adeptos da maioria da população. Seguramente entre os mais entusiasmados com a novidade esportiva estavam os membros das elites. Tal situação justifica-se na medida em que este grupo social já tinha

---

\* Este artigo foi construído a partir da dissertação “Pugnas Renhidas”: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 – 1924 de autoria de Henrique Sena dos Santos, defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana.

algum conhecimento desta prática esportiva. Além disso, sua condição econômica lhe dava condições de experimentar e consumir alguns materiais importados da Europa necessários à sua prática, nem sempre acessíveis a todas as demais camadas sociais.

Sem maior sentido competitivo, os primeiros duelos futebolísticos realizavam-se enquanto práticas de conhecimento do próprio esporte. As partidas eram realizadas entre amigos, sem que, necessariamente, os mesmos participassem como sócios de algum clube. Às vezes, se opunham nacionais e estrangeiros, a exemplo do ocorrido em 30 de agosto de 1903, quando se realizou, no Campo da Pólvora, uma partida entre um combinado brasileiro contra um conjunto de jogadores ingleses e americanos tripulantes de um navio ancorado no porto da cidade (MAIA, 1944).

A fundação de alguns clubes e a criação de departamentos de futebol por outros contribuíram para a difusão do futebol pela cidade, pois até então as partidas eram esporádicas. Assim, foi realizada, em 17 de janeiro de 1904, a primeira partida de futebol entre clubes, envolvendo o Club de Regatas Itapagipe e o Sport Club Bahiano, no campo do Largo do Papagaio, que ficava na Cidade Baixa, afastado do centro.

O primeiro campeonato baiano de futebol começou no dia 9 de abril de 1905, com a presença de um grande público. Cinco clubes participariam deste campeonato, porém, o seu principal idealizador, o Sport Club São Paulo-Bahia, não se inscreveu, pois a maioria dos seus jogadores se filiou a outros clubes. Desta forma, o campeonato foi disputado por Club Internacional de Cricket, Sport Club Victória, Sport Club Bahiano e Club de Regatas São Salvador. O primeiro jogo realizado foi entre o Club Internacional de Cricket e o Sport Club Victória, vencendo o clube inglês por dois a zero. A continuação do campeonato deu-se sempre aos domingos e estendeu-se até 10 de setembro do mesmo ano, com o Internacional se sagrando campeão.

Este campeonato teve boa aceitação entre a alta e média camada da sociedade soteropolitana. Jogando ou acompanhando as partidas, tais segmentos incorporaram o futebol em seu cotidiano, cabendo papéis diferenciados para homens e mulheres. Se para os homens era possível jogar e assistir, às mulheres cabia o papel de plateia.

Falando da participação do público nos jogos, notadamente o feminino, destacamos que estas torciam entusiasticamente pelas equipes e, especialmente, pelos seus jogadores. Ao noticiar o ocorrido no penúltimo jogo do campeonato de 1905, que opôs o Internacional e o São Salvador, o *Diário de Notícias* (28/08/1905) informou que “às quatro horas quando o juiz, sr. Annibal Petersen, entrou em campo, saudado pelo público, já o retângulo estava literalmente cheio, destacando-se grande número de Senhoras e Senhoritas.”

Outro elemento atrativo dos jogos para o público era a participação de uma banda de música, que alegrava os espectadores antes do início, durante o intervalo e ao final dos jogos. Em outra nota, o mesmo *Diário de Notícias* (28/08/1905) relatava que “no intervalo, que foi de 18 minutos precisamente, a Banda do 2º Corpo Policial deliciou os presentes com variados números de seu repertório vastíssimo”.

As presenças da Banda e do elemento feminino faziam parte de um repertório comportamental mais amplo, que ia desde o modo de se vestir à forma de torcer, determinando a forma dos indivíduos dos grupos elitizados irem ao jogo. Os homens, por exemplo, colocavam suas melhores roupas, frequentando aos jogos de termo, gravata e chapéu. Nos momentos que antecederiam as partidas, os indivíduos se sociabilizavam, compartilhando experiências do seu cotidiano, comentavam os fatos e as notícias que ocorriam durante a semana soteropolitana. A partida de futebol era mais de que um jogo consistia em um momento de encontro social com amigos e conhecidos, remetendo-nos a um aspecto importante: a incorporação da noção de civilidade ao universo esportivo, incluindo o futebol, pelas elites soteropolitanas. O jornal *Diário de Notícias* (22/05/1906) na crônica de um jogo, diz:

O dia amanheceu sob um céu sem nuvens e a tarde igualmente bella convidada áquela festa chic que teve para seu maior realce a presença numerosa e escolhida de mais de 300 Senhoras trajando quasi todas toletes leves, e das cores mais variadas. As extensas filas de cadeiras postas a sombra foram logo cedo ocupadas e que imprimiu a nota destacando o Campo dos Martyres. Além disso, os cavalheiros e famílias a carro aumentavam o aspecto festivo do campo, onde a hora inicial compareceram os dois adversários.

Também as disputas eram marcadas por ações de cavalheirismo, existindo respeito mútuo entre os praticantes. Para os excessos cometidos pelos jogadores, como as faltas, costumava ocorrer o pedido de desculpas pelos seus autores. Os torcedores elitizados, também, se comportavam de maneira disciplinada, torcendo moderadamente. Ao fim das partidas, os adversários se cumprimentavam, e, não raramente, ocorria dos jogadores saírem do campo para uma confraternização.

Embora o caráter competitivo que de certo conservava, vemos a vontade de celebrar-se a civilidade e o cavalheirismo dos praticantes e entusiastas do futebol. As elites encontravam no esporte e nos seus clubes uma opção de lazer e sociabilidade, numa clara intenção de se adequar aos novos ritmos modernos das grandes sociedades contemporâneas (SEVCENKO, 2003).

É importante ressaltar que tal modo de vivenciar e experimentar o futebol deve ser entendido enquanto uma prática caracterizada pelo amadorismo, existindo esta condição no

futebol brasileiro de forma predominante até meados da década de 1930 (MEIHY & WITTER, 1982). Este amadorismo se constituiu num aparato regulador da participação de grupos subalternos nos principais clubes brasileiros e nos campeonatos durante muito tempo (PEREIRA, 2000). O praticante amador era alguém que tinha uma profissão bem aceita pela sociedade e não dependia do esporte para garantir seu sustento. Isso acabava por impor, inequivocamente, um determinado perfil social e racial aos seus praticantes.

## **O futebol e a cultura popular**

Paralelamente ao desenvolvimento da prática do futebol pelas elites, as camadas populares também começaram a incorporá-lo ao seu circuito cultural. Se a princípio o contato dos populares com o futebol se deu por curiosidade, noutra momento, este contato se deu de forma a assimilar a experiência das práticas futebolísticas. Tal fato se percebe a partir da rápida difusão dos jogos para outros espaços, além do Campo da Pólvora, envolvendo pequenos comerciantes e trabalhadores de setores mais modestos.

Esta expansão do futebol pela cidade, fez com que a Intendência Municipal passasse a controlar os locais de realização dos jogos, autorizando sua ocorrência em lugares como: Quinta da Barra (distrito da Vitória); a Fonte do Boi (Rio Vermelho); o Largo do Barbalho (distrito de Santo Antônio); e o Largo do Papagaio (distrito da Penha, na Cidade Baixa) (MAIA, 1944).

Entretanto, tentar regular os espaços para o futebol acabou sendo uma experiência ineficaz, já que para a população qualquer espaço possibilitava o jogo. Na segunda edição do campeonato, em 1906, surgirão diversas queixas nos jornais locais contra a prática futebolística, por adultos e crianças em logradouros públicos. Esta forma de se jogar o futebol não se ajustava aos padrões e formalidades pretendidas, já que acontecia fora dos espaços e horários adequados, não se ajustando aos pretendidos padrões de civilidade. No jornal *Diário de Notícias* (07/11/1906) vemos a publicação da seguinte nota:

Continua desenfreiado e insupportavel o foot-ball dos garotos, que absolutamente não attendem a circumstancias de ocasião nem de logar, com o que prejudicam ernomemente as vidraças das casas, as plantas dos jardins publicos e a tranqüilidade dos transeuntes. É uma vergonha uma verdadeira miséria.

Outra peculiaridade do futebol de rua era a adaptação dos materiais usados no jogo. Na continuidade da nota transcrita acima, insinua-se que uma lata fazia às vezes de bola. Desta forma, enquanto as elites faziam uso de objetos importados da Europa, os segmentos populares improvisavam e adaptavam o que tivessem às mãos para praticar o futebol, já que

financeiramente eram impedidos de adquirir materiais caros. A adaptação de materiais e espaços e a simplicidade das regras também podem justificar a apropriação do futebol pelos grupos populares.

Assim, a preocupação das elites ao ver o civilizado esporte bretão torna-se cada vez mais popular, provocou uma resistência a este processo. Ao comparar o futebol dos clubes ao futebol das ruas, o *Diário de Notícias* (20/06/1906), argumentava:

Enquanto os clubs regulares de foot-ball escolhem logares proprios para seus exercícios, os capadocios, os moleques e os vadios de toda especie abusam desse sport, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital sem que, por isso, a policia os chame á ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os desastres moraes e materiaes que resultam de tão condenavel pratica.

Deste modo, vemos na cidade do Salvador duas formas distintas da prática do esporte: uma associada à civilidade e baseada em regras e respeito às normas públicas, praticada pelos clubes em lugares apropriados; outra caracterizada pela desordem, confusão e “desrespeito” às pessoas e propriedades, sendo, portanto, incivilizada.

Apesar de a rua ser um espaço privilegiado para verificar a vivência futebolística dos populares, ela não era a única. O jornal *Diário da Bahia* (16/04/1905), após informar a realização da partida entre o São Salvador e o Internacional, pedia para o “público não invadir o campo de jogo durante o match, pois tanto atrapalha os jogadores quanto impossibilita as famílias de ver”. Isso nos revela uma forma de interação dos populares com o futebol dos clubes elitizados. É verdade que nesta pequena nota não se pode afirmar sobre uma “subversão” popular frente aos ritos futebolísticos civilizados. Mas ainda assim ela nos é útil, pois a preocupação com a “invasão” do campo revela o cuidado com a manutenção do rito comportamental de disciplina e educação na apreciação das partidas.

O modo como os populares demonstravam as suas preferências de torcedor ocasionou, por sinal, a primeira grande crise do futebol baiano. O primeiro campeonato baiano (1905) foi vencido pelos ingleses do Internacional e parecia haver o receio popular de que este fosse bicampeão. Tal fato fica demonstrado quando na sexta partida do torneio, entre o Vitória e o Internacional, uma parcela dos espectadores teria tratado agressiva e desrespeitosamente os ingleses. Com isto, O *Diário de Notícias* (11/06/1906) teceu severas críticas ao comportamento do público:

É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem as belas partidas a que o público acorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar ofensas quando perdem e dando triste idéia dos nossos foros de civilização. Convém notar que o Internacional é composto de ingleses que devem ter de nossa parte, como hospedes que são, todas as distinções. Achamos que a polícia bem podia sanar esta inconveniência que vai se tornando um péssimo costume.

O texto do jornal é contra uma postura considerada estranha à civilidade, pois até então o futebol das elites teria sido marcado pelo respeito aos clubes e aos jogadores; conquanto existissem predileções, estas não geravam desavenças, como já comentado. Com presença dos segmentos populares no futebol oficial, percebemos a exaltação e acirramento das rivalidades e, neste caso, se observa mesmo o acirramento entre identidades nacionais, pois o clube hostilizado era formado por ingleses. O incidente motivou a saída do Internacional do campeonato, mesmo com a tentativa de mantê-lo no torneio.

A partir de 1906, se desenvolve uma ampliação das práticas futebolísticas populares. Se de 1901 a 1905 a participação dos negros e pobres no futebol restringia-se à rua e à apreciação dos jogos das elites, entre 1907 e 1914 há um novo impulso com o surgimento de mais de cinquenta clubes.

Talvez essas novas associações fossem formadas para jogos esporádicos, sem a pretensão de se tornar uma grande organização com muitos sócios e/ou atividade social intensa, como o Vitória, Bahiano de Tênis e Associação Atlética, os grêmios mais abastados de Salvador até meados do século XX. No tocante à sua organização, eram caracterizados por uma informalidade despreocupada com estatutos e reuniões periódicas, dentre outras oficialidades e institucionalidades seguidas à risca pelas agremiações elitizadas. Nem sempre tinham sedes próprias ou fixas, podiam se reunir na casa dos sócios e talvez suas atividades se resumissem apenas à realização de partidas.

Deste modo, possivelmente não estavam tão preocupados em ter sedes que possibilitassem grandes eventos sociais, a exemplo dos carnavais e natais, que a partir da década de 1910 se tornaram frequentes entre os clubes elitizados. Estas organizações poderiam até ter eventos sociais, para além das partidas de futebol, mas que ocorriam na forma de sambas, batucadas e nas casas dos sócios ou outros espaços mais modestos.

Finalmente, alguns desses que clubes que, segundo os jornais, poderiam não existir em absoluto, eram marcados por uma efemeridade condicionada por algum acontecimento importante na cidade. Por vezes, um time estava de passagem pela cidade e disputava algumas partidas contra as equipes locais. Estas pugnas estimulavam a fundação de clubes pequenos que logo desapareciam, passado o momento de entusiasmo.

Assim, aparecem agremiações como o Sport Club Neptuno na Lapinha, 2º distrito de Santo Antonio. Outro fundado, foi o Sport Club Docas, cujos sócios provavelmente trabalhavam no porto da cidade. Os jornais ainda noticiavam partidas de clubes recém-fundados como o jogo entre o Independência e o 28 de setembro no campo do Cabula. O

nome deste último clube sugere uma homenagem ao dia em que foi promulgada a Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871.

Em 1914 foi um ano em que foram fundados clubes de nomes muito curiosos. O *Diário de Notícias* noticiou a fundação alguns com os nomes de *Team de Morte*, *Onze Diabos Foot-ball Club*, *Viúva Alegre* e *Esporte Club dos Suicidas*. Sobre o primeiro, o jornal disse que “é este um novo *team sportivo* que vem enfileirar com os demais desta capital, nas justas do *matches* terrestres. O uniforme é calção preto e uma caveira simbólica adaptada sobre escudo negro à frente da camisa branca.” Já em relação ao time dos suicidas, que levava em seu uniforme negro uma cruz branca no lado esquerdo da camisa, o mesmo jornal, não resistiu e, ao noticiar a sua fundação, fez um comentário sobre o surgimento de times com aqueles tipos de nomes:

A mania de *sport*, por demasiada, levará até as aberrações o espírito de muitos de seus adeptos. Senão, o que significa semelhante esdrúxula denominação? Levantemos a moral social e não se venha desnaturando da sua virtual essência o espírito dessa ou daquela instituição, aviltando-a ou ridicularizando-a. (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 11/11/1914)

Entre diabos e caveiras existia ainda espaço para a fundação de um clube de nome muito incomum. De acordo com o *Diário de Notícias* (28/10/1914), em 1 “no dia 15 do cadente foi fundado, à Rua da Independência, nº 41, um *Team* de *foot-ball* denominado Mephistófeles, tendo como distintivo camisa e calção branco e sobre o peito a esfinge, em negro, do grande ‘herói’ do Inferno. Mefistófeles era nada mais, nada menos que uma personagem satânica que surgira na Idade Média. Segundo relatos, quando não era confundido com o próprio Diabo, costumava ser um dos aliados de Lúcifer no trabalho de capturar as almas. (LINK, 1998)

Clubes com uniformes nos quais os escudos bordados nas camisas eram caveiras, cruces e diabos, indicam que os seus fundadores, para além de pensarem suas entidades enquanto instituições responsáveis pelo “desenvolvimento físico” dos seus sócios, os entendiam enquanto espaços de efetivação de formas próprias de lazer e divertimento não necessariamente ligadas aos ideais das elites. Ter uma esfinge de Mefistófeles como o distintivo do clube em Salvador também pode significar que muitas vezes as atividades esportivas não eram a razão principal do funcionamento dessas sociedades, contrariando os preceitos das elites, da imprensa e dos intelectuais, que defendiam como um dos motivos primordiais para o funcionamento dos clubes esportivos era contribuir para a regeneração física da sociedade.

Enfim, o Viúva Alegre, Sport Club Docas ou o 28 de Setembro eram clubes com configurações próprias, que carregavam em seus nomes inspirações no carnaval, no trabalho ou em um passado escravista. Estes clubes demonstram a capacidade de determinados sujeitos conceber suas associações enquanto espaços de tradições e práticas próprias. Além disso, estes clubes oportunizavam um lugar institucionalmente legitimado onde as camadas populares, impossibilitadas de frequentar os grêmios abastados, poderiam vivenciar o futebol ou mesmo outras manifestações lúdicas. (PEREIRA, 2002) Assim como em outras cidades brasileiras, a presença dessas sociedades foi fundamental para a popularização do futebol em Salvador para além dos espaços mais informais como os becos, ruas estreitas e largos e para além de uma experiência estritamente elitizada.

Vale ressaltar que alguns desses clubes não representavam unicamente os grupos mais subalternizados. Alguns poderiam funcionar através de uma reciprocidade entre populares e alguns membros das elites. Por vezes, as sociedades esportivas populares tinham enquanto presidentes ou sócio benemérito algum intelectual, profissional liberal, funcionário público, industrial, grande negociador ou comerciante, que ao gerir o clube conferia a este um status e mesmo aceitação nos meios esportivos mais restritos. Por sua vez, membros das elites sem condições suficientes para avocar uma centralidade nos clubes abastados, assumiam uma liderança nos mais modestos numa tentativa de integração nas rodas esportivas da cidade. Geralmente o papel destes sujeitos enquanto padrinhos era financiar os grêmios pequenos e principalmente dotá-los de uma organização institucional típica das equipes elitizadas. A liderança de membros das elites também beneficiava os clubes populares quando, enquanto dirigentes, constantemente negociavam em alguma medida a participação e inserção de sujeitos populares nos meios esportivos mais restritos.

Talvez, o Ypiranga tenha sido um dos clubes em que a reciprocidade entre elites e populares se revelou de forma mais explícita. A princípio foi fundado com o nome Sport Club 7 de Setembro, em 17 de abril de 1904. Segundo Aroldo Maia em seus manuscritos sobre a História do clube:

Quando o futebol ainda engatinhava, rapazes, na sua maioria operários, dada a animação pelo futebol e o aparecimento de novos clubes, resolveram também fundar o seu clube. (...) e reunidos na Loja nº 3 ao Beco da Baleia, na rua da Faísca, distrito da Vitória, levaram avante a ideia e radiantes fundaram o Sport Club 7 de Setembro com as cores preta e branca e após tomarem outras resoluções dentre as quais a de “adquirir uma bola de couro usada, a venda na sede do São Paulo Club e a tratar com Sr. Claudemiro elegeram a primeira diretoria cabendo a presidência ao Sr. Alfredo Dias. (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p)



Este memorialista do futebol baiano ainda salientou que o então 7 de Setembro tinha os seus treinos “realizados num terreno baldio ao lado da casa da Baleia e com bola de pano (meia) ou papo de boi e de quando em vez nos terrenos da Companhia de Carruagens da Bahia.” Em amistosos contra outros times modestos da cidade, o Ypiranga conquistou algumas vitórias, porém por motivos desconhecidos o clube dos estivadores da cidade desapareceu. Só seria reorganizado em 7 de setembro de 1906 no mesmo lugar e “por proposta do Sr. Salvador Chaves é aprovada a mudança do atual nome do clube para o de Sport Club Ypiranga.” (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p)

A mudança do nome surtiu algum efeito nos brios dos sócios, que voltaram, com relativa frequência, a realizar partidas nos campos da cidade. Em um desses jogos, enfrentando o Fluminense Foot-ball Club de Salvador, nas palavras de Alfredo Dias, dirigente do clube, transcritas por Aroldo Maia, “o Ypiranga perdia por de 1x0 quando um pênalti foi marcado contra o Fluminense considerado ilegal pelo mesmo daí o tumulto ocorrido e final do jogo, devido à invasão de campo.” (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p) Mais uma vez, a associação, após outros amistosos, desapareceu das lidas esportivas.

O fato do Ypiranga ser reorganizado duas vezes aponta para a dificuldade dos sócios em mantê-lo. Mesmo que o futebol fosse uma atividade passível de adaptações - o próprio Ypiranga, quando respondia pelo nome de 7 de Setembro treinava com bolas de meia e papo de boi – manter a parte administrativa poderia ser custosa para sujeitos que, a princípio, mal tinham condições que comprar uma bola nova.

A sorte do Ypiranga mudaria definitivamente quando, em 10 de fevereiro de 1914, “a mesma panelinha que fundou o S. C. 7 de setembro e depois o transformou em Sport Club Ypiranga reúne-se ainda uma vez no mesmo local e resolve pela terceira vez reviver o Ypiranga.” (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p) Daquela vez, segundo Aroldo Maia, “resolve-se convidar para presidente do clube, um elemento que tenha gabarito e serviços prestados ao esporte, a fim de que não venha o clube novamente a sofrer crises e desaparecimentos.” (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p) O nome escolhido para a presidência do clube foi o Dr. Augusto Maia Bittencourt, ex-presidente da Liga Bahiana de Sports Terrestres e do Sport Club Vitória.

O nome do doutor seria ideal para as pretensões do Ypiranga. Conhecedor do esporte, Augusto Maia tinha condições de organizar a parte administrativa do clube, otimizar custos, entre outras benesses. Uma das primeiras ações do novo presidente, por exemplo, foi pedir a mudança das cores do clube de “verde e amarela para preta e amarela alegando que tem em seu poder lindas camisas de seda, linhas verticais naquelas cores que assim, como

medida de economia poderiam ser aproveitadas.” (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p)

As previsões de que o clube cresceria com a presidência de Augusto Maia foram confirmadas quando no mesmo ano se filiou à Liga Brasileira de Sports Terrestres, que substituíra a Liga Bahiana de Sports Terrestres em 1913, vencendo a temporada de 1917 e 1918. Entre 1914 e 1922, período em que foi presidente, Augusto Maia levou o Ypiranga a um nível jamais imaginado entre os seus fundadores. Em um relatório da gestão, entre 1920-1, é possível encontrar alguns dados da sensível evolução do aurinegro. Em relação aos associados, Augusto Maia lembrou em seu relatório que “temos o prazer de registrar o grande número de sócios admitidos em nossa administração que formando ao nosso lado na defesa dos nossos ideais, veio constituir esse inexpugnável baluarte representamos.” (RELATÓRIO DE GESTÃO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 1) Em números, a quantidade de sócios aumentou de 86 para 193.

No que tange à parte financeira do clube, o presidente relatou que “os dados fornecidos pela tesouraria são, por si só, animadores e bem revelam o critério que caracteriza a nossa administração, convindo notar-se que a receita elevou-se de 5:564\$400 e a despesa foi apenas de 2:353\$000.” (RELATÓRIO DE GESTÃO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 4) Naquele ano, o Ypiranga “de sociedade com o *club* Yankee, (que foi fundado pelos sobrinho do Dr. Maia) alugamos ao Sr. Juvenal Oliveira um terreno à Rua do Prado – Rio Vermelho pela quantia de 80\$000 mensais, para a construção de um campo de *sport* com arquibancadas, *garage*, cerca de arame, etc. para os nossos treinos e torneios internos.” (RELATÓRIO DE GESTÃO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 4) Por fim, diante do seu prestígio, o Ypiranga recebeu diversos prêmios e mimos, entre eles 8 taças de admiradores, jornais e casas comerciais. Se o relatório daquele ano já mostrava os auspícios do clube, o último ano de gestão de Augusto Maia, em 1922, os avanços continuaram. Transcrevendo as palavras do presidente, Aroldo Maia, o sobrinho do Dr. Maia, informou que:

Deixo o clube em ótimas condições assim é que deixo na Caixa Econômica do Estado em caderneta Nº 60688 a quantia de 2:974\$480, em depósito na Liga Bahiana 934\$450 e saldo em caixa 210\$700 - valor de prêmios conquistados 8:710\$000 e em patrimônio de 13:808\$450 que pode ser considerado excelente. O quadro social era de 253 sócios, um dos maiores dos clubes filiados. (HISTÓRIA DO SPORT CLUB YPIRANGA, s.d, s.p)

Se entre as elites o sucesso meteórico do Bahiano de Tênis encontrava um motivo no fato do clube oportunizar para os seus 600 sócios em 1924 um espaço de luxo, glamour e

distinção, o Ypiranga se tornava em uma das principais sociedades esportivas populares, justamente por oferecer um espaço mais aberto em que, guardadas as devidas proporções, os seus sócios poderiam vivenciar sociabilidades como festas sociais e as próprias práticas esportivas. O caráter menos restrito do Ypiranga pode ser observado nos estatutos do clube de 1921. No seu documento oficial consta que era uma “sociedade esportiva, cujo fim é promover, entre seus associados a prática de todos os jogos e exercícios atléticos bem como outras diversões.” (ESTATUTO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 1) Enquanto uma das fontes financeiras do Bahiano do Tênis era o valor das joias e mensalidades, que custavam respectivamente 50\$000 e 10\$000, no Ypiranga, poderiam ser sócios efetivos “aqueles que, propostos e aceitos, paguem a joia de 5\$000 e a mensalidade de 2\$000 adiantadamente.” (ESTATUTO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 1) O Ypiranga também tinha alguns rigores, como eliminar do clube “o sócio que, não possuindo idoneidade, foi admitido por falsas informações” (ESTATUTO DO SPORT CLUB YPIRANGA, 1921: p. 8) No entanto, este rigor estava longe das limitações e imposições de sociedades que no valor de suas mensalidades e joias ou nas restrições quanto a associação de negros e trabalhadores subalternizados criavam em seus domínios um espaço de distinção sociorracial.

## Referências

CARVALHO, C. A.. *Terra, grama, paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930)*. São Luís: Café e Lápis Editora, 2009.

*Estatuto do Sport Club Ypiranga*. Salvador, 1921

FRANZINI, F. Esporte cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LINK, L. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAIA, A. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944.

\_\_\_\_\_. *História do Sport Club Ypiranga*. [s.d.] [s.p.].

MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. *Futebol e Cultura: coletâneas de estudo*. SP: Imprensa Oficial, 1982.

PEREIRA, L. A. de M. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922). In: CUNHA, M. C. P. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura*. Campinas: Ed da UNICAMP, 2002

\_\_\_\_\_. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.

*Relatório de Atividades do Sport Club Ypiranga. Gestão 1920 – 21*. Salvador, 1921.

RIBEIRO, R. R. *A bola em meio a rua alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

PINTO, R. M. S. *Do passeio público à ferrovia: O futebol proletário em fortaleza (1904 – 1945)*. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em História) UFC, 2007.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.